

# Revistas de circulação reduzida: *Noigandres e Tendência*

## Reduced circulation magazines: *Noigandres* and *Tendência*

MYRIAM ÁVILA\*

**Resumo:** O artigo comenta a curiosa menção à revista mineira *Tendência* em verbete português sobre o Concretismo, valendo-se de cartas inéditas trocadas entre paulistas e mineiros.

**Palavras-chave:** Revistas literárias, concretismo, redução.

**Abstract:** The article comments on the unexpected mention to the literary review *Tendência*, published in Minas Gerais, in the entry Concretismo of a Portuguese Dictionary of Literature, availing itself of letters exchanged between paulistas and mineiros.

**Keywords:** Literary reviews, concretism, reduction.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Minas Gerais.

Como meu mote do verbete “Concretismo” do Dicionário de Literatura publicado em Portugal por Jacinto do Prado Coelho, verbete esse que se encontra em vários sites brasileiros e portugueses na Internet. Lemos ali que o Concretismo “manifestou-se principalmente a partir de 1957, no Suplemento Literário do ‘Jornal do Brasil’, e noutras publicações como as revistas *Noigandres* ou *Tendência*, de circulação bastante reduzida”. Chama a atenção aí a menção a *Tendência* em lugar da mais plausível *Invenção*, também editada pelo trio de *Noigandres*.

O verbete que enfatiza a reduzida circulação das duas revistas – com toda razão, pois mesmo o especialista Omar Khouri declara não possuir a coleção completa de *Noigandres*<sup>1</sup>, tendo tido que pesquisar nos acervos particulares de Luiz Antônio de Figueiredo e Augusto de Campos – é, por sua própria natureza de verbete, também bastante reduzido. Sua circulação, no entanto, é ampla na Internet, onde integra sites de pesquisa escolar. Ocorre aí, pela própria concisão do texto, uma expressiva redução do movimento concretista, em poucas linhas de um único parágrafo. Essa redução passou pelos filtros da distância temporal e espacial que de alguma forma operaram a estranha refração que emparelhou *Noigandres* e *Tendência*, esta última não apenas de pouca circulação como amparada por escassa fortuna crítica.

O interessante aí – além da natureza inexplicada da refração – é o fato de revistas de circulação tão reduzida, ainda assim, terem conseguido atravessar oceano e décadas e compor-se junto às sumárias informações sobre o Concretismo do dicionário português. Note-se que o verbete começa com a enumeração dos veículos através dos quais o movimento se manifestou. Esse fato não é corriqueiro ou desprezível: mostra a importância das revistas (e do suplemento), seu poder de intervenção derivado de sua agoridade e de seu caráter de aglutinação de um grupo. Toda revista que, como aconteceu, por exemplo, com as modernistas, se apresenta como revista de grupo assume naturalmente a feição de bandeira, de tribuna, e com isso um perfil definido e marcante. Desliza naturalmente para os anais da História, porém, com uma qualidade que a distingue do livro: é ligada de forma indissolúvel ao momento, incapaz de adquirir a pátina atemporal da obra de arte. Um movimento como o concretista, cujos protagonistas ficaram

<sup>1</sup> No texto “*Noigandres* e *Invenção*: revistas porta-vozes da Poesia Concreta”. In: *FACOM*, nº 16, 2006, p. 21-36. Disponível em: <[http://www.faap.br/revista\\_faap/revista\\_facom/facom\\_16/omar.pdf](http://www.faap.br/revista_faap/revista_facom/facom_16/omar.pdf)>. Acesso em: maio de 2012.

também conhecidos como o “grupo Noigandres”, não pode ser pensado sem as suas revistas, como já ocorrera com o Modernismo.

*Tendência* entra aí – ou deveria entrar – como interlocutora privilegiada da revista concretista, se entendermos que de *Noigandres* a *Invenção* existe continuidade, mais do que diálogo, e que a publicação mineira se coloca como alteridade que provoca a troca de ideias, ao contrário de outras vozes que simplesmente negavam e combatiam a nova proposta de criação. *Tendência* é palco de discussão entre os pontos de vista “temático” e “formalista”, como se intitularam na época a facção que preconizava uma literatura de reflexão sobre a realidade nacional e aquela que colocava a pesquisa estética acima da questão social.

A revista mineira se inscreve na primeira, tendo como artigo inicial, que se segue a manifesto de abertura no qual Haroldo de Campos chegou a ver nuances de xenofobia, o texto “Conceito de literatura nacional”, de Fábio Lucas. O número 2, ainda de 58, antes do encontro com o grupo Noigandres, traz o artigo “Nacionalismo e universalismo em literatura”, publicação póstuma de Xavier Marques. O tema é retomado em 1960 por Fábio Lucas, o qual também fora responsável, como editor, pela inclusão do texto de Marques.

Em 1961, ocorre o encontro presencial dos grupos das duas revistas, por ocasião do famoso *II Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária* de Assis, em São Paulo. Note-se, porém, que já nos anos 50 houvera troca de publicações entre os dois grupos, além de resenhas de Affonso Ávila sobre a poesia dos novos paulistas. O Congresso de Assis foi ocasião de debates inflamados em meio a uma atmosfera de entusiasmo e participação que os atuais congressos acadêmicos não poderiam emular. As contribuições se dividiam em teses e relatórios, em lugar das atuais palestras e comunicações, marcando bem o caráter de intervenção das falas. Uma das “teses” apresentadas foi a de Décio Pignatari, intitulada “Situação Atual da Poesia no Brasil”, na qual se anunciava o “salto participante” da poesia Noigandres. Às discussões presenciais entre concretistas e tendencistas seguiu-se, durante o resto daquele ano (o congresso aconteceu em julho), uma série de longas cartas em que cada um tentava esclarecer suas posições, marcar diferenças e procurar convergências. Através das cartas é possível perceber que aconteceram estremecimentos de parte a parte, mas também que prevaleceu a vontade de dar continuidade ao diálogo, desde que pudessem acontecer pequenos ajustes nas posições de cada grupo. Essa inclinação ao diálogo, que os concretos reputam “do maior interesse” é notável, se pensarmos nos

rompimentos ocorridos com facções e posições individuais inicialmente muito mais próximas dos concretistas, como os que se deram entre Mario Chamie e Noigandres e entre os “neo-” e os “paleo-” concretistas. Chamie veio a atacar pela imprensa, no mesmo ano, a revista *Tendência*, provocando réplica de Rui Mourão. O ataque atinge colateralmente os concretos, que, já agastados com Chamie, se afastam de forma definitiva do antigo colaborador.

Da parte de *Tendência*, o salto participante foi entendido como uma conversão aos princípios defendidos pela revista mineira, mas o artigo de Haroldo de Campos publicado ali em 1962 não tem caráter penitente. Haroldo já havia, em cartas de 1961<sup>2</sup>, deixado clara a sua desconfiança com relação aos “teóricos de *Tendência*”, observando, entretanto, que “a preocupação de responder ponto por ponto às observações que [Rui Mourão e Fábio Lucas] fazem” devia-se à convicção de que “num diálogo, tão importante como argumentar é saber ouvir” (carta de 10/9/61, transcrita no quarto número da revista). No artigo intitulado “A poesia concreta e a realidade nacional” o poeta defende a posição noigandres como aquela que “põe em evidência as contradições do processo dialético poesia / tempo (história)”. Sua argumentação, que parte de Oswald de Andrade e vai a Maiakovski e Mallarmé, abre um parágrafo para comentar o diálogo concretismo / *Tendência*. Haroldo assegura que “na medida em que *Tendência* trouxe implícita uma estética em processo e explicitá-la, estará marcando um encontro com o movimento da poesia concreta, que sempre teve implícita (e em certos poemas explícita até ideologicamente) a noção de um nacionalismo crítico”.

Essa é, portanto, a moeda de troca que permite aos dois grupos (em momento conturbado da história do país) uma convivência administrada, que conflui, em 1963, na *Semana Nacional de Poesia de Vanguarda*, organizada em Belo Horizonte por Affonso Ávila. A *Semana* resultou em manifesto assinado também por intelectuais de outras partes do país: Benedito Nunes, Luiz Costa Lima, Roberto Pontual e o novíssimo Paulo Leminski. A ideia de uma “frente única nacional” sob a bandeira da “vanguarda participante” já era discutida desde 1961, quando o nome de Ferreira Gullar chegou a ser cogitado, apesar dos estremecimentos. A frente única parece ter assumido, para os paulistas, um caráter mais

<sup>2</sup> A correspondência se trava através dos representantes de cada grupo entre os quais havia maior afinidade, Affonso Ávila e Haroldo de Campos. Essa correspondência está sendo organizada por Julio Castañon Guimarães, e deve ser publicada no próximo ano.

combativo do que para os mineiros, já que aqueles se empenharam em procurar pessoalmente os aliados cariocas<sup>3</sup> e planejaram ir a Minas selar o pacto vanguardista com o grupo tendência. Um grande trunfo para a aliança seria o “patrono” comum representado por João Cabral de Melo Neto, que, em visita a Belo Horizonte, teria nomeado os grupos noigandres e tendência como “os dois únicos núcleos de pesquisa séria existentes no Brasil” (carta de Affonso Ávila a Haroldo de Campos, 31/10/61).

Vemos, assim, que a refração responsável pela justaposição das duas revistas no verbete de Jacinto Prado Coelho não é absolutamente infundada. Se da perspectiva brasileira de hoje, a redução a verbete da vanguarda de 60 mantém em linha de visada apenas *Noigandres*, isto se deve a ter sido esta de fato porta-voz de um grupo coeso que a ela sobreviveu, enquanto *Tendência* conheceu oscilações de postura estética bastante consideráveis e seus editores se dispersaram pouco depois do último número. A operação de redução que o tempo e a historiografia operam é, entretanto, caprichosa e circunstancial. Poderia ser objeto de longas e instigantes considerações. Tomada, porém, via significativa, leva-nos de volta à intervenção crítica de Haroldo de Campos na época, tanto em cartas como no artigo publicado em *Tendência*, pois ali “redução” ocupa, como conceito, um ponto central em sua argumentação.

O conceito conheceu na época grande prestígio, principalmente devido a sua formulação na Sociologia por Guerreiro Ramos, do ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros). Tendo origem na Fenomenologia de Husserl, onde assume o caráter de restrição do conhecimento ao fenômeno da experiência de consciência, a chamada *epoche*, receberá, com Guerreiro Ramos, um tratamento próprio, consoante com os princípios do engajamento nacionalista. Na versão sociológica, o termo permite interpretação tripla:

- 1) redução como método de assimilação crítica da produção sociológica estrangeira [...]
- 2) redução como atitude parentética, isto é, como adestramento cultural do indivíduo, que o habilita a transcender, no limite do possível, os condicionamentos circunstanciais que conspiram contra a sua expressão livre e autônoma [...]

<sup>3</sup> Assinale-se, entretanto, a visita de Affonso Ávila aos pares cariocas com o mesmo objetivo, em 1961.

3) redução como superação da sociologia nos termos institucionais e universitários em que se encontra (Guerreiro Ramos, 1996: 11-12).

Essa formulação impressionou profundamente Haroldo de Campos, que viu ainda na teoria de Ramos uma forma de demonstrar o engajamento constitutivo da poesia concreta, que se pautaria pelos mesmos princípios. Vejam-se trechos de seu artigo em *Tendência* nº 4:

Foi-se então que se pôs no país – e, com toda a naturalidade, se pôs pensando em termos internacionais – o problema de uma nova poesia. [...] E em que condições? Nas condições criadas por uma nova visada redutora, por um novo rasgo antropofágico. *Redução estética*, direi, e já agora abono-me do jargão mais conspícuo da sociologia. Um sociólogo alistado, da acuidade de Guerreiro Ramos, descreve o processo, que é reversível à problemática artística: forma-se, em dadas circunstâncias, uma “consciência crítica”, que já não mais se satisfaz com a “importação de objetos culturais acabados”, mas cuida de “produzir outros objetos nas formas e com as funções adequadas às novas exigências históricas; [...]. Da importação se passa à produção e desta se transita naturalmente para a exportação. (1962, p.85).

Mais adiante:

Guerreiro Ramos dá um exemplo do que chama de “redução tecnológica” (a indústria automobilística brasileira, de caminhões) “em que se registra a compreensão e o domínio do processo de elaboração de um objeto que permitem uma utilização ativa e criadora da experiência técnica estrangeira”. Assim, no campo da arte... [...]. (1962, 89)

Em carta de 10 de setembro de 1961, Haroldo explora o mesmo filão, ao defender

um critério de evolução de formas, por meio do qual se pode estabelecer que os poetas concretos, em condições brasileiras e carreando uma experiência intransferível e inconfundivelmente de civilização brasileira, abordam problemas e propõem soluções que esses autores [?] não abordaram nem propuseram daquela

maneira radical e específica; daí os termos da redução estética; daí a possibilidade de uma poesia nova não só para o consumo interno como para a exportação [...].

E mais abaixo:

[Fábio Lucas] procede como se Pound e Eliot, p.ex., não tivessem importado influências estrangeiras, para, sobre elas, agir redutivamente, superando-as, cada qual no seu sentido próprio [...].

Haroldo equipara, em seu artigo, a redução estética à antropofagia e encontra sua ilustração mais recente (um ano e pouco havia se passado da inauguração de Brasília) na arquitetura moderna brasileira.

Embora as implicações do conceito fujam do significado corrente da palavra “redução”, pois não incluem o sema da diminuição ou do apequenamento, uma aproximação entre o uso teórico específico e o sentido mais corriqueiro da palavra é possível e, no presente caso, mostra-se capaz de nos afastar, como quer a abordagem husserliana, da percepção natural, acrítica, do fenômeno sob observação. Pois, tendo revisitado a interação dos grupos responsáveis pelas duas revistas, creio poder dizer que, ao proceder à formulação de verbete sobre um movimento literário que observa à distância, o colaborador do dicionário Jacinto do Prado Coelho opera, por meio de um agenciamento de que é provavelmente inconsciente, uma redução no sentido fenomenológico do termo. Ou seja: uma apropriação do fenômeno em questão, por meio da assimilação crítica, de modo a revelar sua essência, que não se poderia atingir permanecendo em atitude natural de observação, dentro da crença em que as circunstâncias o colocaram. Essa essência (que se revela no verbete) seria a necessária interlocução dos concretos com a alteridade representada por *Tendência*, interlocução que, por sua vez, instaura também o que se poderia chamar, dentro do universo conceitual de Haroldo de Campos, de uma redução programática.

Para terminar, proponho dar um rosto e uma identidade ao que chamei acima de agenciamento, àquilo que permitiu epitomizar nos nomes das duas revistas a fase heroica do concretismo. Em 1961, ano-chave em torno do qual este texto se tece, o poeta português Alfredo Margarido publicou no *Diário de Lisboa* uma resenha de livro de Affonso Ávila recém-lançado (*Carta do solo*). A resenha, transcrita em *Tendência* no ano seguinte, menciona também a poesia de van-

guarda de São Paulo e do Rio, em paralelo com a de Ávila: “e assim poderemos entender o concretismo e o neo-concretismo como correspondentes culturais de um exacerbado nacionalismo de cariz econômico-político” (1962: 140). Haroldo comenta essa menção em uma carta, atribuindo à distância de onde Margarido observa os acontecimentos a indistinção entre os noigandres e o grupo neo, já nesse momento em total desacordo. Creio ser esse o elo entre a crítica portuguesa e a literatura brasileira de vanguarda que resultou na visão conjunta das duas revistas como veículos do concretismo que aparece no *Dicionário de Literatura* de Jacinto do Prado Coelho. Duas revistas que, mais do que outras de ampla circulação, concentram em si o poder de evocar vividamente os vetores de um período crucial da nossa literatura e nossa cultura.



## Referências

- CAMPOS, Haroldo de. A poesia concreta e a realidade nacional. In: *Tendência* nº 4, 1962, p.83-94.
- \_\_\_\_\_. Carta a Affonso Ávila. In: *Tendência* nº 4, 1962, p.119-122.
- COELHO, Jacinto do Prado. Concretismo. *Dicionário da Literatura*. Porto: Figueirinhas, v. 1, 1982, p. 193. Disponível em: <[http://www.citi.pt/cultura/literatura/poesia/j\\_g\\_ferreira/concreti.html](http://www.citi.pt/cultura/literatura/poesia/j_g_ferreira/concreti.html)>. Acesso em: maio de 2012.
- Correspondência Affonso Ávila – Haroldo de Campos. (Inédita).
- KHOURI, Omar. *Noigandres e Invenção*: revistas porta-vozes da Poesia Concreta. In: *FA-COM*, nº 16, 2006, p. 20-36. Disponível em: [http://www.faap.br/revista\\_faap/revista\\_facom/facom\\_16/omar.pdf](http://www.faap.br/revista_faap/revista_facom/facom_16/omar.pdf). Acesso em: maio de 2010.
- MARGARIDO, Alfredo. Poesia e articulação sociológica. In: *Tendência* nº 4, 1962, p.138-141.